“CARA, IMAGINE VOCÊ CONHECER UM RAPAZ MARAVILHOSO! TUDO QUE VOCÊ QUIS: CONVERSA BOA, COMPANHIA BOA, BEIJINHO BOM, SEXO BOM. VOCÊ NÃO VAI ASSUMIR ESSA PESSOA COM UM RELACIONAMENTO? POR QUÊ? SÓ PORQUE É OUTRO CARA? QUAL É A DIFERENÇA? SABE?”

- MINAUARA

“(...) ELA ENTRAVA NA MINHA CASA, MAS EU BOTAVA ELA COMO UMA AMIGA, PORQUE A MINHA MÃE NÃO GOSTAVA, NÉ; A MINHA MÃE ERA BEM TRADICIONAL; A MINHA FAMÍLIA INTEIRA É BEM TRADICIONAL”

- ESTUDANTE GABRIELA

“QUISERAM PROIBIR MINHAS SAÍDAS, MAS DESCOBRIRAM QUE EU ESTAVA TENDO UM CASO COM UMA MULHER, MESMO ELES ME PROIBINDO. BATI O PÉ E ME ASSUMI DESDE OS 16 ANOS; TIVE CORAGEM DE ENFRENTAR TUDO ‘SOZINHA’; BUSQUEI MEUS DIREITOS”

- UNI

BISSEXUALIDADE E LESBIANIDADE: RELATOS DE VIVÊNCIAS, EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS | ENTREVISTAS COM MINAUARA, ESTUDANTE GABRIELA E UNI[1]

BISEXUALITY AND LESBIANITY: REPORTS OF EXPERIENCES, EXPERIENCES AND PERSPECTIVES | INTERVIEWS WITH MINAUARA, STUDENT GABRIELA AND UNI

Alberto João Nhamuche[2]
Maria Manuel Baptista[3]
Hélia Bracons Carneiro[4]

Resumo: com o presente trabalho apresentamos narrativas sobre bissexualidade e lesbianidade, com o foco na reflexão sobre desafios, resistências e perspectivas de mulheres bissexuais e lésbicas no Amazonas, Brasil. Trata-se de três entrevistas semiestruturadas, que relatam vivências e experiências em microacontecimentos sociais de duas mulheres bissexuais e uma lésbica. Os resultados nos levam à compreensão, por um lado, dos bastidores das dinâmicas das identidades de gênero e sexualidade, adjacentes à violências micropolíticas e, por outro, da interseccionalidade fundamentada pelas particularidades de contextos das respectivas violências, bem como dos desafios e perspectivas de cada pessoa entrevistada.
Palavras-chave: Bissexualidade; Lesbianidade; Orientação sexual; Violência; Resistência.

Abstract: With this work we present narratives about bisexuality and lesbianity, with a focus on reflecting on challenges, resistance and perspectives of bisexual and lesbian women in Amazonas, Brazil. These are three semi-structured interviews, which report the experiences of two bisexual women and one lesbian in social micro-events. The results lead us to understand, on the one hand, the behind-the-scenes dynamics of gender and sexuality identities, adjacent to micropolitical violence and, on the other, intersectionality based on the particularities of the contexts of respective violence, as well as the challenges and perspectives of each person interviewed.
Keywords: Bisexuality; Lesbianity; Sexual orientation; Violence; Resistance.

1 INTRODUÇÃO

Reconhecendo a pertinência de pesquisas sobre gênero e sexualidade que, atualmente, têm constituído pautas de debates sociais e académicos, apresentamos entrevistas com relatos de algumas de vivências, experiências e perspectivas de mulheres e estudantes universitários com bissexualidade e lesbianidade assumidas. Por essa via, o presente trabalho contém três entrevistas, cujas suas abordagens colaboraram na reflexão sobre a temática estudada.

Nessa relação, na primeira entrevista, a mulher considera alguns elementos ligados ao carinho, ao respeito, como mobilizadores determinantes para o conforto de um

[1] Nomes fictícios, devido à proteção das pessoas entrevistadas
[2] Doutorando em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro. Email: nhamuche@ua.pt
[3] Professora Catedrática do Programa Doutoral em Estudos Culturais e Coordenadora do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC), Universidade de Aveiro. Email: mbaptista@ua.pt
[4] Professora Associada, ISS, Universidade Lusófona. Email: helia.bracons@ulusofona.pt

relacionamento, independentemente dos sexos das pessoas envolvidas. A segunda e a terceira convergem na resistência contra a proibição familiar, depreciação e boicote social da liberdade de escolha de perceiro/parceita, com alicerce nos padrões cis.

É pertinente lembrar, como consideramos no resumo, que todas as entrevistas convergem em relação aos elementos motivacionais da formação dos gêneros e sexualidades, ou seja, os microacontecimentos socioculturais, como podemos observar na leitura das respectivas entrevistas.

2 DAS ENTREVISTAS

2.1 ENTREVISTA COM MINAUARA

Alberto João Nhamuche (AJN): Pode falar do processo da sua vida: onde nasceu, como cresceu até se tornar estudante de uma universidade?

Minauara (M): Eu nasci no interior de Minas Gerais, numa cidade chamada Montes Claros, no norte de Minas. É uma cidade quente, que tem pessoas de cultura muito do interior. Então, tem muito aquilo de boi, galinha, criação de bicho, e a alimentação é muito voltada para essa agricultura familiar. Muitas famílias plantam o que comem. E quando eu nasci, eu vim de uma família de um casamento que estava sendo rompido. Então, a minha mãe foi para uma cidade muito pequena, que chamava Botumirim, que era mais interior ainda de Minas Gerais. Então, de Montes Claros, que eu nasci, eu fui para Botumirim, com um ano. Em Botumirim, eu morei com a minha mãe e minhas quatro irmãs. Depois de um tempo, a minha mãe teve outro filho, e eu fiquei com ela um tempo. Foi aí que eu comecei a introduzir a arte na minha vida. Eu comecei a fazer teatro e dança. Só que era um lugar muito pequeno e não dava muita possibilidade de estudo. Então, meu pai conversou com minha mãe e pediu para a gente se mudar para Brasília, distrito federal, capital do Brasil, porque lá a gente podia ter mais oportunidades de estudo. Eu fiquei lá por um tempo, dos seis aos dez anos, mais ou menos. E depois voltei de novo para Montes Claros para ficar com minha mãe. Voltei de novo para Brasília, para ficar com o meu pai. E ficou nessa de vai e volta, vai e volta, entre Brasília e Minas, até 2016, quando teve a decisão, através do trabalho do meu pai, de vir para Manaus. Quando eu chego em Manaus, eu curso o meu ensino médio. Eu já tinha coletado experiências de dança nessa cidadezinha, Botumirim, em Montes Claros, com a Pássaro Azul. Em Brasília, eu não tive experiência com dança. E quando eu cheguei em Manaus, foi onde eu tive mais experiências. E todas as experiências me fizeram entender que eu queria a dança para a minha vida. Que foi por isso que eu decidi fazer o vestibular. É isso. Meu contexto é mais ou menos esse.

AJN: E como teve autoconhecimento como uma pessoa bissexual?

M: Tá, vamos lá! Desde criança eu percebia que eu tinha afetos igualitários, tanto para meninas quanto para meninos. Só que eu não entendia que era possível uma mulher gostar de outra mulher. Não sabia. Não foi me orientado nem foi conversado. Então, eu sempre imaginava que essas paixões pelas amiguinhas que eu tinha eram realmente amizade. Mas não eram. Era a mesma coisa que eu poderia sentir por um coleguinha, entendeu? Esse afeto de querer pegar na mão, de querer conhecer a casa da pessoa, de querer estar perto, de querer cheirar o cabelo, coisas assim. E na infância, cheguei a ter algumas experiências mais de toque mesmo com outras crianças, tanto meninas quanto meninos. Só que era uma coisa muito inocente, sem saber direito o que estava acontecendo. E aí aconteceu uma coisa muito grave na minha vida, que foi um momento da minha infância onde eu fui abusada; basicamente fui molestada por um tio. E isso mexeu muito comigo, porque ali eu tive uma quebra na minha confiança com homens. Enfim, era uma pessoa que se fazia de amiga, mas me manipulava e usava tudo aquilo que eu gostava em arte para poder me aliciar. Nisso eu demorei um tempo para entender, mas quando eu entendi, me despertou alguns sentimentos como aversão a toques masculinos. Principalmente se esse toque fosse por trás, e se eu não estivesse vendo o que estava acontecendo. Então isso gerou comportamentos violentos meus em relação a outras pessoas, que às vezes queriam brincar de alguma forma, mas aquilo me machucava e eu reagia. E aí com essa decepção imensa que eu tive em relação aos homens, eu comecei a ver que eu já sentia afetos por mulheres e aquelas meninas onde eu tinha como amigas, elas eram muito importantes para mim. Nisso eu fui entendendo com a minha puberdade, lá dos 14, 15 anos, que não era só uma questão de amizade, que era uma questão, sim, de atração física, que eu achava mulheres bonitas, que eu, sei lá, sonhava, sentia vontade de ter carinho, sentia vontade de ter um toque, queria estar perto. E aí eu fui me aproximando mais de mulheres e também me vestindo de forma mais masculina, tentando ter um disfarce no meu corpo, ali tipo agora eu me visto como homem, eu posso me relacionar com mulheres. Então isso gerou uma confusão aí na minha cabeça com a minha identidade de gênero e a minha orientação sexual. E em um momento eu fiquei até imaginando se eu não fosse, se eu não era uma pessoa trans. Exatamente por isso, que eu não entendia que uma mulher podia gostar de mulher. Aí, com o tempo, eu fui observando que não era isso, que não tinha nada a ver, que eu não queria ser um homem e eu fui aceitando mais essa questão de eu sentir interesse. E aí eu abri para a minha família, cheguei em um momento e falei “olha, sou bissexual, gosto de mulher”, porque em algum momento se eu estivesse ali me relacionando com mulher, já iam saber e não seria uma surpresa, não seria nenhum constrangimento. E aí, por um lado eu sofri certas apreensões de uma pessoa que é casada com o meu pai, né? Então teve situações tipo uma menina me deu um beijinho no elevador; aí o moço da portaria contou para minha madrasta. Aí ela invadiu minha privacidade do celular enquanto eu estava dormindo, para

ler o que eu conversava com essa amiguinha, para ficar me constrangendo, porque eu sentia interesse por mulheres. E aí isso era um conflito, mas passou, né? Até que eu fui realmente me dando oportunidade de ter mais contato, de me permitir dar um beijo, sabe? E aí eu fui percebendo que era isso mesmo e as coisas foram se tranquilizando mais na minha cabeça. Até que chega um momento que eu tenho uma relação exclusiva com mulher, onde eu assumo um namoro com uma mulher aqui em Manaus. E isso inicialmente foi um pouco transtornado para minha família, pois não proibiam a minha parceira de ir em casa, mas não gostavam que a gente dormisse junto. Por quê? Porque não tinha possibilidade de acontecer alguma coisa, né? Eles não queriam que acontecesse nada no teto deles, que não faz sentido na minha cabeça, né?

AJN: Qual foi a reação da pessoa que você comunicou?
M: A reação do meu pai foi basicamente, "olha, eu não posso escolher com quem você vai se relacionar". Só que, ao mesmo tempo, tinha essas violências veladas, sabe? Por exemplo, eu acho que é uma violência velada você não permitir que a sua parceira durma com você. Seu namoro assumido, qual o problema? Só que na família da minha parceira, a gente era amigas, não era um relacionamento assumido. Então, lá, a gente dormia na casa dela, era possível dormir junto, porque eles não faziam essa conexão, apesar de estar na cara. E aí, bem, isso aconteceu, né? Tive uma relação aí, mas durou um tempo. E depois dessa relação, eu voltei a me relacionar mais com homens. Então, atualmente, eu me relaciono mais com homens, mas é porque eu não sei como conhecer mulher.

AJN: Você disse que quando estava com a sua parceira, em casa dela, podiam ficar à vontade?
M: Não, sinceramente, a gente podia dormir juntas. Mas a gente não podia trocar afeto.

AJN: E você falou de uma situação de abuso, que foi em ambiente familiar. Pode explicar em que situação aconteceu?
M: Esse primeiro durou dos 8 aos 11 anos. Era um tio casado com a minha tia, inserida ali no contexto familiar. A segunda vez que isso aconteceu, eu tinha 17 anos. Eu fui convidada para fazer um ensaio fotográfico. Aí a pessoa me trancou dentro da casa dela e eu não tinha como sair. E aí, aos poucos, foi me aliciando e eu fiquei... "ai, meu Deus, o que eu faço?" E aí, eu não vi outra alternativa a não ser "ok, tem camisinha, beleza". A terceira situação, foi uma que eu fui chamada para sair com um menino. E aí, a gente se divertiu, beleza, noite, bebeu, tranquilo. Aí, quando amanheceu, ele não estava com a chave da casa do pai. Aí, a gente tentou ir para a casa da mãe dele, a mãe dele não foi muito receptiva. Então, a gente

Esse primeiro durou dos 8 aos 11 anos. Era um tio casado com a minha tia, inserida ali no contexto familiar. A segunda vez que isso aconteceu, eu tinha 17 anos. Eu fui convidada para fazer um ensaio fotográfico. Aí a pessoa me trancou dentro da casa dela e eu não tinha como sair. E aí, aos poucos, foi me aliciando e eu fiquei... "ai, meu Deus, o que eu faço?" E aí, eu não vi outra alternativa a não ser "ok, tem camisinha, beleza". A terceira situação, foi uma que eu fui chamada para sair com um menino. E aí, a gente se divertiu, beleza, noite, bebeu, tranquilo. Aí, quando amanheceu, ele não estava com a chave da casa do pai. Aí, a gente tentou ir para a casa da mãe dele, a mãe dele não foi muito receptiva. Então, a gente resolveu sair. E aí, ele falou para eu ir para a casa de um amigo dele, que era onde a gente podia descansar um pouco, para depois eu ir embora. Aí, quando a gente chega na casa desse amigo, o amigo fala assim, "olha, vocês podem dormir aqui, mas ninguém pode fazer nada". Beleza, tranquilo, a gente ficou bem de boa lá na sala e deitou, dormiu. Quando eu acordo, o cara amigo, que falou que não podia fazer nada, tinha pegado a minha mão, colocado no pênis dele. Eu dormindo, ele estava mexendo na minha saia. Quando eu acordei, vi minha mão no pênis, do nada. E aí, eu acordei assim, fiquei um pouco desesperada. E aí, eu acordei o menino que estava comigo. "Vou embora, vou embora"! E fui embora. Foi a última situação que aconteceu.

AJN: Falando da sua sexualidade, você é uma pessoa que se assume publicamente. Como tem sido encarado isso?

M: Para mim, é algo muito natural. Hoje em dia, eu entendo que, para mim, todas as pessoas são bissexuais, por natureza. Só que, culturalmente, a gente entende que apenas quem é hétero é o certo. O casal tradicional aqui no Brasil tem uma pressão muito grande para a gente seguir isso. E eu não me vejo nesse lugar. Eu acho que eu sou uma pessoa que ama pessoas, independentemente se elas têm um pênis, se elas têm uma vagina, tanto faz, ou seja, pouco importa. Isso não é um critério para eu estar com alguém. Eu preciso gostar da companhia da pessoa, eu preciso sentir afeto, eu preciso sentir admiração. Eu preciso me sentir confortável, eu preciso sentir conexão. Eu preciso saber que vou ser respeitada, independentemente de qualquer coisa. Eu não vou ser forçada a nada. Inclusive, é um pré-requisito meu só se relacionar com pessoas que, de certa forma, foram aliciadas ou abusadas. Porque eu sei que essas pessoas nunca vão fazer isso comigo. Não vão repetir isso. Então, é uma forma de eu me protejer. Eu amo muito mulheres, acho que mulheres são lindas, inteligentes, maravilhosas. Sinto atração ainda. Tem umas mulheres que me chamam muita atenção, mas como eu estou num relacionamento, eu não consigo flertar, nem estar tão na vibe de outra pessoa, como já é construído com o meu parceiro atual. E também existe essa questão, eu basicamente só me relaciono com pessoas que são bissexuais. Porque eu não vou ser discriminada de alguma forma. Porque, por exemplo, quando eu me

relacionei com essa menina, ela era lésbica. E aí ela me ofendia, basicamente, um pouco, porque ela tinha medo que eu ficasse com homens. Mas era minha orientação sexual, não era dela. Então, é uma coisa que eu não gosto muito de ficar com hétero, porque eu acho hétero sem noção. E que também não vai entender, não vai respeitar e alguma hora vai encher meu saco ou ficar me sexualizando demais. Não gosto. Então, hoje em dia, o que acontece? Eu flerto junto com o meu companheiro, com outras meninas. E é isso. E aí, quando dá conexão, a gente sai. Tranquilo, faz o que tem que fazer, se diverte, volta pra casa e é isso. E outra, eu preciso ter intimidade com a menina, se eu não tiver, pra mim não dá. Então, geralmente, são amigas ou companheiras minhas.

AJN: Então, você tem algumas pessoas amigas nessa situação?
M: Geralmente, o meu ciclo de amigos é muito diverso de sexualidade. Então, tem de tudo e é isso, né? A gente acaba ficando mais perto de quem a gente se conecta, mesmo do que ver coisas em comum. Então, basicamente, o meu ciclo de amigos são todos, mas eu não necessariamente participo de alguma comunidade ativista voltada a isso. O que eu tenho interesse é participar da ballroom, né? Que é uma comunidade que é voltada pra nossa apreciação, né? Da forma que a gente se veste, da forma que a gente quer se portar no mundo, assim. É um, através do estilo de dança vogue, né? Existe um empoderamento ali e um trabalho da sua autoimagem, da sua personalidade, do que é esse corpo não tão convencional, né? Então, eu acho que quando a hora vai chegar, até por enquanto eu estou só assim nas batalhas, mas uma hora eu vou lá dançar junto. E é isso.

AJN: Você falou que, no seu ponto de vista, "todas as pessoas são bissexuais". E disse que não gostava de envolver-se com pessoas hétero. Você admite a possibilidade de uma pessoa não saber por mais que seja bissexual?
M: Existe muito isso. Existe um fenômeno no Brasil chamado hétero sigiloso. Você já ouviu falar deles? Basicamente, os héteros sigilosos são homens casados. A grande maioria, ou que tem algum tipo de relação fixa com a mulher, mas que ali na internet, ou em algum contexto muito específico, se relaciona com homens. Mas essa pessoa não admite isso publicamente, nem pra ela mesma. Então, por exemplo, existem homens que saem contra outros homens e podem beijar, podem ter uma relação sexual, mas não entendem isso como um ato de uma pessoa bissexual. Não entendem que se o pau dele levanta pro cara é porque ele gosta, entendeu? E acontece muito isso. Tipo, ah, ok, eu fico com você, mas é no sigilo, ninguém sabe.

AJN: E qual é o seu desafio, sendo uma pessoa bissexual: na família, na universidade, na sociedade?

M: Existe o desafio de que muitas pessoas nunca vão entender a forma que você se relaciona. Existe o desafio de, às vezes, ser descredibilizada em coisas que a sua sexualidade não deveria interferir. Então, por exemplo, ah, sei lá, meu TCC. Mas aí, porque alguém não concorda com a minha bissexualidade e, talvez, tenha algum questionamento ali. Pode ser que me prejudique, não sei. Existem algumas coisinhas assim. Só que eu acho que isso de sexualidade está sendo uma coisa muito mais discutida. Então, acho que não é o mesmo peso que eu carregava antigamente, sabe? Então, atualmente, eu não sei se eu vivo com algum desafio. Pra mim, é a minha vida, é a minha intimidade, é o jeito que eu levo as coisas, são as minhas escolhas. Não tem muito impedimento, não. Só das pessoas que estão ali prontas pra aceitar em algum quesito. O que eu tenho a dizer é que a gente tem que se tratar com carinho, tem que procurar se entender mesmo, não pode invalidar nossos sentimentos. O que a gente quer como experiência. Eu acho que ninguém devia se privar de viver uma história de amor independente se for com o cara, se for com a menina. Eu acho que a gente tem que ser feliz mesmo. Tem que ser feliz e flertar muito. Isso aí.

AJN: Chegamos ao fim da nossa conversa. Pode tecer algumas considerações finais.

M: Não sei muito bem o que considerar, finalmente. Desse julgamento, desse olhar, né? Pensando que as pessoas olham a sua vida? Ou você não consegue entender que isso faz parte de você. Não é uma aberração, não é anormal. Nós nos apaixonamos, nós nos interessamos. Nós sentimos tesão. Então eu acho que é até mais violento você se colocar nessa situação porque você não tá admitindo uma coisa que é sua, que é natural, que você sentiu. Entendeu? E isso às vezes dá um pouco de raiva para quem é bissexual assumido porque é justamente isso que a gente imagina. Que a pessoa tá negando uma parte que é dela, ou que ela tá tipo se punindo, sabe? Eu acho que é uma libertação porque viver dentro do armário é muito triste. Muito triste você não puder. Cara, imagine você conhecer um rapaz maravilhoso! Tudo que você quis. Conversa boa, companhia boa, beijinho bom, sexo bom. Você não vai assumir essa pessoa com um relacionamento? Por quê? Só porque é outro cara? Qual é a diferença? Sabe?

2.2 ENTREVISTA COM ESTUDANTE GABRIELA

AJN: Começando, pode falar um pouco sobre o percurso da sua vida, onde nasceu, cresceu, até se tornar estudante universitário?

Estudante Gabriel (EG): Eu nasci bem no interior de Manaus, na Amazônia, bem na Cabeça do Cachorro, que a gente chama aqui no Brasil. Se você ver lá no mapa do Brasil, tem uma Cabeça do Cachorro lá em cima, chamada São Gabriel da Cachoeira. É a cidade mais indígena do Brasil, e eu sou indígena, sou da etnia Baré. É uma das mais originais que tem,

uma das mais originárias de hoje em dia, a tribo Baré. Tenho 21 anos apenas, nasci em 2002. É uma cidade pequena, menos de 50 mil habitantes. Estudei em escola pública a vida toda, desde a alfabetização, o 9º ano, 1º, 2º, 3º, tudo escola pública. E logo que eu saí do 3º ano, eu já passei na universidade, em Direito, em 2019, com 17 anos. Muitas pessoas desacreditavam, porque eu era um tipo de pessoa que era muito danada na sala, né? Tipo, conversava, não era aquela galera do fundão, eu era a menina da frente, mas que conversava na frente, entendeu? Eu era essa pessoa, mas na hora de entregar tarefa, entregar trabalho; eu sempre entregava na data certa. Só que com 17 anos eu comecei a ser DJ, né? Comecei a tocar, a ser DJ. E aí, nessa mesma época, começou essa fase de querer experimentar coisas novas, de conhecer pessoas. Eu era muito presa dentro de casa, não saía. Então eu comecei a sair já nesse ramo, já não ir de fase em fase, como a galera vai, aniversário. Eu já fui direto pra sair de casa, já fui direto pra uma festa já, tipo boate adulta mesmo. Então eu já fui criada bem na lapada assim, de festa, entendeu? Por eu ser DJ, né? Por eu começar a tocar e sair nesse ramo. Então eu conheci muita gente, muitas pessoas. Comecei a emagrecer muito, o meu corpo se desenvolveu já como mulher com 17. E aí a galera sempre falava ruim de mim, mal de mim, por esse fato de estar na festa. E aí tu tens uma professora que sai pra festa, aí tu és aluna dela, o dia da semana toda. E quando é de noite tu já és a DJ da festa que ela vai, entendeu? Então às vezes era meio assim, pô, como que essa menina tá fazendo a tarefa dela? Se ela tá na festa sexta, sábado, domingo, segunda-feira ela já tem que tá na aula. Com todos os trabalhos certos, como que essa menina faz? Ninguém acreditava. Mas eu deixava de lado horas de sono pra justamente fazer meu trabalho, ir pra festa, pra fazer meu trabalho, pra voltar. Estava com uma cachorra que tinha câncer na época. Então todo o dinheiro que eu arrecadava era pra dar pra minha mãe, pra comprar alguma coisa pra casa e para fazer a quimioterapia da minha cachorra, então não sobrava nada pra mim. Mas eu precisava desse dinheiro. E aí foi crescendo, então quando terminou o ensino médio, eu passei já... na verdade eu passei em todas as faculdades que eu fiz a prova. Eu só não sabia disso, eu vim saber disso esse ano, 2023 já. Porque eu não fui atrás, né? Quando eu descobri que eu passei em Direito, que foi a primeira prova que saiu o resultado, eu já logo me inscrevi, eu deixei as outras de lado, não vi as outras. Mas eu passei em Administração, passei em Direito em primeiro lugar, passei em Psicologia, fiquei em espera em 20º lugar em Psicologia, em São Paulo. E passei em Artes Cênicas, também. Mas eu não sabia, eu deixei de lado porque eu vi o Direito que já tinha passado e aí eu já saí me inscrevendo. Então hoje eu vim pra cá, morei em apartamento aqui em Manaus. Logo que eu cheguei veio a pandemia, tive que voltar pra minha cidade, porque eu não tinha condição de morar aqui; eu voltei pra minha cidade. E logo quando eu voltei eu vim morar em apartamento, mas acabou não dando certo pois não tinha dinheiro suficiente. E aí eu comecei a passar fome, não tinha dinheiro, comia miojo apenas. Me mudei pra um apartamento que eu só tinha uma cama, um ventilador. Morei três

dias no chão até eu comprar meu cobertor, na rede, eu botei minha rede no chão. E aí a galera da faculdade descobriu isso, né, que eu estava passando por essa necessidade. E me denunciaram na universidade, dizendo que uma aluna que é do interior estava passando fome, estava num apartamento, não conseguia se manter e uma hora ou outra ia cancelar a faculdade para voltar para cidade. E foi aí que eles entraram em contato comigo, conversaram comigo e pediram para eu vir para morar aqui. Então hoje eu moro aqui há três anos. Não pretendo sair por conta das condições boas que eles dão aqui pra gente, não pagar aluguel e tudo mais. E eu já vi a situação que eu já passei, foi horrível, foi um momento muito horrível na minha vida, mas hoje em dia eu estou bem, graças a Deus tá tudo certo. Então, estou há três anos aqui já na casa.

AJN: Como teve autoconhecimento sobre a sua identidade sexual, de gênero?
EG: Olha, tem algumas pessoas que no começo elas não gostam, se descobrem, aí beijam a primeira menina e aí depois vão se descobrindo. Eu não sou essa pessoa; eu já sentia algo diferente dentro de mim desde criança. Com cinco anos, sete anos de idade, eu brincava na casa das minhas amigas de boneca. Então, a gente tinha aquela brincadeira de casinha e tudo mais. Então, pra mim, era algo normal e, como só tinha meninas, uma tinha que ser o homem pra ser o pai da boneca, uma tinha que ser o carteiro pra ir deixar cartas, nessas brincadeiras assim de criança. E sempre me colocava nessa posição do homem, de eu ser o marido ou de eu ser o filho, né, então desde criança já comecei a ser assim, mas sempre naquela inocência de criança. Quando eu comecei a entender realmente as coisas, já era 13 anos de idade mais ou menos, quando eu fui pra um aniversário de uma amiga nossa. Era um aniversário já pra 18 anos, então já tinha álcool nesse aniversário, inclusive foi o primeiro aniversário que eu tomei álcool, só que eu não sabia que era álcool porque era aquela gelatina, sabe? Então, desse aniversário eu lembro até hoje, eu tinha 13 anos de idade. Nesse aniversário tinha aquela gelatina, tinha várias gelatinas, estavam dando gelatina pra todo mundo, só que eu não sabia que aquela gelatina era pura cachaça; não tinha nem um pingo de água ali. Era gelatina misturada com cachaça, e aí eu acabei ficando alterada mesmo, acabei ficando bêbada assim, não sentindo o meu corpo muito bem, e aí foi que a gente, todo mundo dançando funk na época, né, o bonde do tigrão, né, a gente dançando o funk. Aí eu comecei a dançar com uma menina que eu nem sabia quem era, e aí acabou que a gente deu um beijo. Então foi o primeiro beijo que eu dei numa mulher, e o engraçado é que na época tudo era foto, né, você beijou alguém, tira foto, tira foto, tira foto. A qualidade não era boa, mas tiraram bastante fotos da gente; tiraram bastante foto da gente, e quando foi no outro dia que eu cheguei na escola, era aquela coisa, todo mundo foi para o aniversário da escola, e aí quando eu cheguei na escola, todo mundo olhou, caraça, tu beijaste uma mulher, não sei o quê, sabe, aquela coisa assim, tipo aquele preconceito também, né, na sala, "meu Deus, ela é machuda". As palavras grossas que usam, né, ela é

machuda, ela é sapatão, ela é, caraça, ela beijou uma menina na festa; todo mundo viu, aquela coisa, e aí eu vi que, "meu Deus, eu estou arrependida", sabe. Eu não senti isso, aquele arrependimento, pra mim foi algo normal, mas algo legal, algo bom, e que eu me senti bem; então depois disso eu queria descobrir quem era aquela menina pois eu não a conhecia, né. E aí eu entrei em contato com uma amiga minha; falei "amiga, tu lembras quem era? Porque eu mesma estava bêbada, não lembro não, e eu preciso saber quem é essa mulher". E aí a gente descobriu quem era essa mulher, ela inclusive já era, 20 anos, ela já tinha, eu tinha 13, e aí a gente foi atrás dela. Ela trabalhava numa distribuidora de bebida. A gente foi atrás dela e, quando nós chegamos lá, ela se assustou. Eu olhei pra ela também, a gente começou a rir muito da situação, e aí ela veio perguntar de mim. A primeira coisa que ela perguntou de mim foi, "quantos anos tu tens"? Eu falei, eu tenho 13, aí ela falou "caralho, eu não acredito que eu peguei uma criança, nossa, 13 anos, tu és evangélica?" A outra pergunta que ela fez foi se eu era evangélica e eu falei que não, que eu era católica, mas não tinha problema nisso, "só que todo mundo ficou sabendo, e eu espero que não chegue na voz da minha mãe, né". O meu pensamento era minha mãe, que a minha mãe era muito preconceituosa. E foi isso que aconteceu, assim, eu me descobri, depois entrei em contato, comecei a conversar, e ela tinha uma amiga, que estava lá no dia, que eu fui conhecer ela, e essa amiga dela já era assumida. Aí ela pegou meu contato, e aí a gente começou a conversar normal, e logo em seguida, acho que uns 3 meses depois, conversando com essa outra amiga dela, essa amiga dela, a gente conversou, e fomos nos encontrar numa praia, lá da minha cidade. Quando a gente se encontrou, começamos a conversar, e eu falei para ela o que tinha acontecido com a amiga, né, de a gente ter se beijado e tudo mais. Aí ela falou que estava tudo certo, e a gente deu o nosso beijo também, e aí foi o que começou, a gente namorou. Eu era virgem, não tinha ficado nem com homem, nem com mulher. Aí a gente começou a namorar, quando foi num certo dia, ela entrava na minha casa, né, foi a primeira vez que eu botei uma mulher dentro da minha casa, mas eu a botava como uma amiga, porque a minha mãe não gostava, né; a minha mãe era bem tradicional, assim, a minha família inteira, bem tradicional, a gente não teve nenhum gay na família. Eu sou a única, até então eu sou a única. Então nunca teve essa questão de ter alguém gay, lésbica, na família. Então eu a levava como uma amiga pra dentro de casa, apresentei pra minha mãe como uma amiga, e aí a minha mãe até perguntou "de onde que tu conheces ela, porque ela tem cara de ser mais velha?" Falei "não, ela é da minha escola". Mas ela nem era da minha escola, ela era de outra escola e ela já estava terminando, e já estava no terceiro ano, eu estava no sétimo ainda, se eu não me engano. Eu era bem nova ainda. Então foi assim que começou. Aí namoramos e ela tirou minha virgindade, por incrível que pareça, uma mulher, e logo em seguida eu levei o chifre dela. Aí começou a vida, né, eu levei o chifre dela, que ela ficou com a ex dela, e aí depois começou a vida, aí eu me descobri, vi que era algo normal pra mim.

AJN: Você falou do conceito que eu não compreendi - sapatão.

EG: Sapatão é um jeito que as pessoas falam aqui no Brasil pra machuda, lésbica. Aí as palavras são: lésbica, machuda, sapatão. É algo muito grosseiro, sabe, já fora do padrão, "olha, aquela mulher é sapatão, aquela mulher é sapatão, ela tem jeito de sapatão, ela é sapatão todinha". Uma mulher que tem um jeito de se vestir como homem, uma mulher caminhoneira que chamam também, é outra palavra, sapatão caminhoneira, tipo isso.

AJN: Como você se identifica?

EG: Hoje eu me identifico como bissexual. Eu me identifico como bissexual porque logo depois desse relacionamento com a mulher, eu me relacionei com um homem. Eu namorei um homem, um rapaz com 15 anos já, e ele que tirou a minha virgindade, realmente, que fez o meu corpo mudar mesmo, porque o corpo de uma mulher, ela muda quando ela se relaciona com um homem. Quando ela sente a penetração de um homem, e aí realmente não é mais virgem, tira a tua virgindade mesmo, e foi aí que eu já comecei a formar o meu corpo mesmo de mulher. Mas eu comecei, eu namorei um homem ainda, cheguei a namorar por cinco meses mais ou menos. Ele era meu cavalheiro da quadrilha. Eu dançava quadrilha, eu não tinha essa experiência de sair com amigos para praia, para não sei o que, pois a minha mãe era muito rígida nisso. Eu não saía, então, os poucos lugares que eu podia ir, eu aproveitava essa oportunidade pra conhecer a galera. Então eu comecei a dançar quadrilha, que era perto de casa, na rua de casa, que a gente ensaiava pra apresentar para a cidade, e aí eu precisava de um cavalheiro. Aí eu o conheci, e a gente namorou. Foi que eu percebi, eu falei não, não é só mulher. Para mim tem gente que é só mulher, porque a experiência com homem realmente não foi boa, não foi de uma forma que a mulher, ela realmente não quer outro homem pegando nela. Mas eu não fui essa pessoa; eu me dei a liberdade de conhecer as outras pessoas, não me prendi só a ficar com mulheres. Eu aprendi a me diversificar, aprendi a conhecer um pouco de tudo, conhecer, tem gente boa ainda nesse mundo, tem homens bons ainda, que são legais, que são gentis, que te tratam com carinho, ainda existem esses homens. A gente não pode tirar a esperança de que não existe mais esse tipo de homem, que toda mulher quer ter. Então eu conheci pessoas maravilhosas e hoje eu me considero como bissexual, hoje eu posso namorar uma mulher; mas se eu terminar com ela eu posso namorar um homem depois. Eu posso namorar um homem várias vezes, posso namorar mulheres várias vezes. Eu tenho essa, eu não me preocupo com isso, eu quero que a pessoa faça me sentir bem, fazendo bem, me tratando bem, sendo respeitoso, respeitosa comigo, eu gosto disso, da simpatia da pessoa.

AJN: Ser bissexual, na família, na sociedade, sendo uma pessoa que se identifica como indígena, qual tem sido o desafio disso?

EG: Olha, o desafio...aqui em Manaus é uma terra sem lei. Acontece de tudo um pouco, então existe...pessoas para tudo. Então você não tem esse problema de se incomodar muito com o seu jeito. Tem alguns lugares sim, que as pessoas ficam olhando se você está andando de mãos dadas com uma mulher, as pessoas se sentem incomodadas de você beijar uma mulher numa lanchonete, num bar, uma boate nem tanto, que a boate já é mais aberta, mente aberta. Você pode beijar quem você quiser, gay, veado, de tudo você pode beijar, mas em restaurantes, lanchonetes, às vezes tem pessoas que falam que você precisa dar respeito para a sociedade, mas o que é respeito para a sociedade, sabe, às vezes eu me pergunto assim, porque eu estou sendo desrespeitosa em estar dando carinho para a minha mulher, sabe, eu estou sendo desrespeitosa de estar dando um beijo nela numa lanchonete onde a gente está, a gente está comendo, estamos conversando e aí a gente ri, eu falo eu te amo, ela fala eu te amo e a gente vai dar um beijo, mas uma mãe que está com uma criança na lanchonete, que está com um avô, uma mãe idosa na lanchonete, tu merece dar esse respeito para elas. Então às vezes tem um pouco dessa mente fechada assim, em relação a isso, aqui em Manaus. Agora na minha cidade eu sou uma pessoa muito conhecida, a minha família em si é uma família muito conhecida, então eu sempre fui escondida, eu sempre me escondi. Não me escondi de forma que eu tenha medo do que eles vão falar, mas eu me escondi para que não haja comentários desnecessários sobre mim em certos lugares. Então na minha cidade eu nunca andei de mãos dadas com mulher nenhuma, pegar a mulher e andar na praça, eu nunca andei de mãos dadas, mas já andei do lado, conversando; já andei com namorada minha conversando do lado, mas não de mãos dadas, não se beijando, porque a cidade, o interior é muito pequeno e eu sou uma pessoa muito conhecida. Então vai dar o que falar, as pessoas vão falar “olha a filha da fulana está se agarrando com uma mulher lá na lanchonete tal”, e aí se essa conversa ficasse ali seria ótimo, porque estava tudo certo, a mulher que contou para ela, ela vai contar para outra, que a outra vai contar para outra, e vai aumentando, que quando chegar na minha família, aí vão falar, “olha a tua filha, a tua neta, estava se agarrando,” - já aumentou de um beijo, já aumentou para se agarrando, “estava se lambendo, estava se mexendo onde tem criança, onde tem velho, onde tem idoso, onde tem mulheres, homens, e ela estava se agarrando lá com uma mulher”, então ficam feios esses comentários desnecessários. Então, para que não haja isso, eu prefiro manter a minha integridade, a minha vida assim, porque eu não gosto desses tipos de comentários. Então na minha cidade eu nunca andei assim, nem com homem eu nunca andei de mãos dadas, nunca saí beijando na frente dos outros, sabe? Eu não falo que eu estou dando respeito pra eles, mas eu estou dando respeito para mim. Porque eu não quero ouvir uma pessoa que está atrás de mim falando de mim e eu estou aqui comendo, conversando com alguém, pegando na mão, beijando, entendeu? Então tem essa dificuldade no interior de as pessoas falarem muito de ti, então para que não haja isso tem pessoas que falam. Eu não ligo para isso não, mas vai ter uma hora que vão estar falando tanto de ti que

tu não vais aguentar e tu vais explodir, tu vais querer te matares, tu vais querer chorar, tu vais querer gritar, tu vais querer fazer um escândalo, tu vais querer ir lá bater boca com a mulher do porquê que ela tá falando de ti. E isso não vale a pena, é uma perda de tempo que sempre vai ter no mundo. Sempre vai ter pessoas que vão falar, então, na minha cidade eu prefiro ser assim, não beijar, não me agarrar, não ficar na frente dos outros, porém pelo meu jeito de ser, pela minha forma, minha personalidade, meu jeito de vestir, as pessoas automaticamente já tiram essa personalidade de "pô, aquela menina eu acho que ela gosta de mulher", mas eu no meu canto, eles no canto deles; eles com a dúvida deles e eu com a minha escolha desse lado. E aí não tem essa questão, essa quebra barraco, essa pauta de querer ser respeitada não, eu sou lésbica, sou DJ, eu quero ser respeitada no meu local. Não acho que a gente vá muito além disso, sabe, não sou só eu que tenho que decidir isso, não sou só eu que preciso desse respeito, entendeu? Então eu fazendo isso sozinha, mesmo que nada, eu não vou conseguir nada. Então eu prefiro ficar quietinha, viver minha vida bem, namorar ali quietinha, assim ninguém se intromete na vida.

AJN: Você falou aqui do respeito no âmbito profissional, que você é uma profissional, como tem sido a sua relação profissional?

EG: Olha, eu tenho muito respeito, porque eu criei esse respeito por mim, né, como eu acabei de dizer, eu criei esse respeito por mim. Eu não vou ficar com uma mulher de mãos dadas. Eu não vou lá na casa da minha avó levar uma mulher porque ela não gosta. Eu não posso fazê-la aceitar isso, sabe? Eu posso fazê-la me respeitar. Então eu posso levar a mulher comigo, não preciso pegar na mão, não preciso beijar na frente dos outros para mostrar que é mulher, para mostrar que eu sou isso. Mas eu posso levar e falar, gente, esta é fulana de tal pessoalmente especial para mim, eu quero que todo mundo tenha respeito e que todo mundo se apresente. Conversem com ela, que ela, a partir de hoje, sempre é da nossa família. Então, quem não quiser, também, não tem problema, mas eu só quero respeito, tá? Então, eu quero esse respeito, sabe? Eu trato todo mundo com respeito que é para todo mundo me respeitar. Eu sou esse tipo de pessoa. Então, eu acho que a gente deve respeitar tantas pessoas que não gostam, porque a gente não pode pegar um livro de LGBT e tacar na cabeça de alguém para essa pessoa entender tudo. Porque é muita coisa. Até para mim mesmo é meio complicado. Comigo mesmo já aconteceu uma situação. Vou até te contar. Eu estava num bar, assim, resumidamente, estava num bar e tinha uns amigos, assim, do lado e tinha uma mulher, que era lésbica. Ela tinha um jeitinho de lésbica, só que ela estava usando um casaquinho de homem. Estava com uma roupinha, assim, meio que de homem, o cabelo de homem. E aí uma formiga caiu da árvore e picou ela aqui atrás, na costa dela. Aí ela começou a falar, assim, caraça, eu acho que uma formiga me ferrou e tal e eu sou alérgica à formiga. Aí vem aqui, você está vermelha. Eu falei, cara, aí eu peguei e chamei o garçom. Aí eu falei, "garçom, por favor, tu consegues um pouco de gelo pra ela?

Porque ela precisa de gelo aqui para botar". Aí ela pegou e falou, né. "Ela não, é ele". Aí eu peguei e falei "cara, me desculpe"! Aí eu fiquei sem reação, sabe? Eu falei, pô, porque não tá na testa da pessoa, cara, que ela gosta de ser chamada de homem, que ela gosta de ser chamada de mulher, que ela gosta de ser chamada de Caio, que ela gosta de ser chamada de Mirella. Não tem isso, cara, não tem. Às vezes é comum, é normal acontecer isso. Aí eu comecei a falar ele, né? Eu falei, ó, consegue gelo pra ele, por favor? Só que quando a gente olha para pessoa, a gente vê um jeito de mulher. Então, às vezes, confunde a mente nessa situação de você na hora de falar. Porque já pensou, se eu chegasse e falasse bem assim, tu consegues um pouco de gelo para ele? Ele falaria, eu não sou homem não, eu sou mulher. Eu só gosto de mulher. Ia ser outra situação, pior ainda, entende? Então, eu acho que em relação a isso de você chegar e conversar com uma pessoa. Acho que a primeira coisa, que você deve fazer é perguntar o nome, porque com o nome, a pessoa vai se identificar com o gênero dela. Se eu perguntasse primeiro para aquele rapaz, que eu pensava que era mulher, que era um rapaz, qual é o nome dele, ele ia me falar o nome de um homem, que é o nome que ele gosta de ser chamado. Ele não ia falar mulher, entendeu? Se eu chegasse, oi, tudo bem? Como é o seu nome? Ah, meu nome é Caio. Voz de mulher, mas meu nome é Caio. Ô, prazer, Caio. Tudo bom? Como é que você está? Já é um homem e dá de tu entenderes que é um homem. Agora, se você chegar com. uma pessoa que é do mesmo jeito que o Caio, por exemplo, e você chegar "como é o seu nome? "Pô, meu nome é Amanda". Pô, Amanda, prazer te conhecer. Gosta de ser chamado como Amanda. É uma mulher. Agora, tem alguns gays, que você vai lá e você chega "e aí, veado, como é o teu nome?" "Mirela". Então, o seu nome é Mirela, entendeu? O nome do veado é Mirela, ele gosta de ser chamado como mulher. Agora, eu vou chegar lá, e aí, amigo, como é que você se chama? O cara é veado, mas o nome dele é Natan. O meu nome é Natan. Ô, Natan, prazer te conhecer. Mas eu gosto de ser chamada como Natasha. Está ótimo, Natasha, prazer. Sabe, então, acho que o primordial, ou seja, o mais importante, quando você chegar no local que você vê uma pessoa e você não consegue identificar o gênero dela, a primeira coisa que você tem que fazer é perguntar o nome. Eu acho que é o ideal, você perguntar o nome da pessoa, porque pelo nome ela vai se identificar com o gênero que ela quer ser chamada, entendeu? Então, essa situação do rapaz que eu chamei de mulher, eu não perguntei o nome, eu não sabia. Então, hoje em dia, eu faço isso, pergunto o nome da pessoa primeiro, para poder saber o gênero dela e poder chamar ela da forma que ela gosta de ser chamada, sabe? Então, eu acho que isso é muito importante hoje em dia. Quando você é uma artista, você está no palco, você é um professor ali no palco, né? Então, se você parar a música, todo mundo vai parar de dançar e todo mundo vai olhar para o palco, entendeu? Então, você é o professor. Se eu quiser respeito, eu consigo respeito no palco. Então, se eu me comportar de uma forma, não vou falar de respeitosa, mas de uma forma que eu queira ser livre em cima do palco, eu vou liberar diversos pensamentos para diversas pessoas que estão dentro de uma

boate. Então, por exemplo, eu que sou bissexual, logo no começo da minha carreira, eu era o tipo de pessoa que dançava no meu palco. Então, eu fazia show, fazia festas e eu dançava no palco. E nisso que eu comecei a fazer isso, eu tive um desrespeito em cima do palco. Por quê? Porque eu comecei a dançar e um cara foi lá e bateu na minha bunda enquanto eu estava dançando no palco. Eu o deixei fazer isso? Não, não deixei. Mas a minha forma de me comportar em cima do palco faz com que a gente liberta, a gente libera esse liberalismo para eles quererem fazer algo do tipo. Você está mostrando sua bunda para o público, você quer o quê? O cara vai falar o quê? Tem gente que fica "nossa, que linda"! Dá de ver que o cara está te desejando lá embaixo. Agora, tem outros que estão com álcool no corpo que vão lá e vão dar um tapa na tua bunda. Então, tu tens que fazê-los te darem o respeito. Então, depois que aconteceu isso, eu comecei a contratar pessoas para dançar no meu show, meus dançarinos. E quando os meus dançarinos fossem entrar no palco, eu parava a música e falava "Fala galera, aqui é a DJ Estudante Gabriela no comando. Estou com meus dois bailarinos aqui, super massa, vão começar a dançar aqui para mim e tal, todas as músicas. Acompanha aí que eles estão super lançamento, estão com a coreografia na ponta da língua, na ponta do pé. Eu só quero respeito a eles, beleza? Não quero que ninguém toque, ninguém mexa, ninguém implique com os meus dançarinos, senão o show vai acabar". E todo mundo vai ouvir, porque tu és o professor lá naquele momento. Não tem outra pessoa que está falando nada, a não ser a pessoa que está conversando com a outra lá embaixo. Mas o som é tão alto da boate que eles vão lhe ouvir sim, entendeu? Então, você dá esse respeito para si mesmo. Então, eu fiz isso, eu comecei a criar esse respeito por mim. Da mesma forma como se eu vou dançar hoje em dia, eu vou falar "eu vou dançar aqui, mas é só uma brincadeira, ouviu? Não quero desrespeito nenhum comigo, nem com alguma bailarina minha. Deixe-as que são todas minhas, não quero ninguém encostando". Faz uma brincadeirinha aqui, ali, para tirar aquele climão. Mas o respeito em primeiro lugar, entendeu? Então, eu dei esse respeito a mim. Então, hoje as pessoas me respeitam por eu ser dessa forma. E se eu estou no palco e eu vejo que um cara quer puxar uma mulher para dançar e a mulher não quer ou que quer fazer alguma coisa, eu paro a música na hora e falo "olha só gente, mulher, não é não, cara. Por favor, se a mulher não quer dançar contigo, se ela não quer dançar, se ela não quer te dar um carinho, se ela não quer te conhecer, não é não. E deixe ela, e tem milhares de mulher aí na festa que pode ser que tem interesse". Tem gente que vaia, tem gente que aplaude, tem gente que grita. Mas a gente está botando esse empoderamento feminino no palco, sabe? Eu faço muito isso, tem gente que não fala, tem gente que tem medo. Eu sou uma pessoa que não tenho medo. Eu não tenho medo nenhum. Eu tirei esse meu medo, porque antes eu tinha medo de apanhar, eu tinha medo de as pessoas me chamarem de... Quantas vezes já me chamaram de machuda? Machuda é uma palavra bem forte no meio LGBT, sabe? Machuda, tu és uma machuda. É tipo preconceito muito grave, sabes? É a mesma coisa que sapatão. Tu és sapatão, sabes? É uma palavra

muito grossa, assim. Então, eu gosto de que as pessoas tenham esse respeito por mim. Então, eu as fiz darem esse respeito por mim. Hoje eu sou bem respeitada no meu palco. É mais ou menos isso.

AJN: Você falou que a sua mãe era preconceituosa. Qual foi a reação dela quando soube da sua identidade?

EG: Olhe só! Isso foi bem complicado. Até hoje é complicado. Eu respeito a minha mãe. Nós, do LGBT, também temos que respeitar as opiniões das pessoas que não gostam. Porque é normal que as pessoas, principalmente as tradicionais, não gostem. Então, a minha mãe é muito tradicional. Ela já está com 50 anos. A minha avó é bem mais tradicional ainda. Bem mais tradicional de 1940, 1930, por aí. Mas eu respeito a opinião delas, né? Então, quando eu tive 16 anos, eu estava namorando outra menina. E eu levei essa menina para casa. Levei ela para casa como uma amiga normal. Só que aí a mãe sente, né? A mãe sabe, né? Eu joguei bola desde criança. Sempre gostei de bola. Tudo que meus primos, meu irmão, faziam. Brincadeira deles. Eu queria estar no meio, brincando, jogando videogame. Negócio de boneca, eu brinquei bem pouco, assim; bem pouco mesmo. Tive bonecas, até hoje eu tenho, mas brinquei bem pouco, assim. Gostava mais de futebol. E aí, então, a mãe, desde sempre, ela sente. Ela sabe quando a filha é, quando a filha não é. E ela era bem rígida, em relação a isso. Quando eu levei a menina, eu acho que ela entendeu, ela percebeu que ela era minha namorada. Então, a minha mãe começou a não gostar dessa menina estar em casa. E aí ela falou para mim “olhe, eu não quero essa menina dentro de casa”. Eu falei “mas por quê”? “Não, eu não quero. Sabe por quê? Porque ela tem 18 anos. E tu tens 16”. A minha mãe queria pegar alguma coisa para dizer que não. “Ela já tem 18 anos, ela já vai para festa, ela bebe, ela fuma. E tu não fazes nada disso. Então, eu não quero que tu tenhas amizade assim”. Como eu falei, eu era bem rígida. Eu não saía. Aniversário, se eu saísse, era só se eu fosse com o meu primo. Porque a minha tia tinha carro, ia buscar ele, ia deixá-lo. Então, eu só ia para aniversário quando fosse com ele. Então, a rigidez dela era mais isso. Ela não gostava e nunca chegou a gostar. Então, quando ela falou isso para mim, que não era para eu mais botar a menina dentro de casa e tudo mais, aí foi que, certo dia, ela foi no trabalho da mãe dessa menina. Foi no trabalho da mãe dessa menina falar que ela não queria que a filha da mulher entrasse na minha casa, fosse a minha amiga. A minha mãe não queria. A minha mãe falou para ela que não era para ela deixar mais a filha dela ir na minha casa. Que ela não queria amizade com ela. E aí, a mãe dessa menina também não gostava que ela fosse lésbica. A gente não gostava de homens. E aí, a mãe dela viu a gente se beijando uma vez na frente da casa dela. Fui deixar ela na casa dela, ela viu a gente se beijando. E aí, ela gritou com a menina, pediu para menina entrar em casa, que ela ia apanhar, não sei o quê, e eu saí correndo para não apanhar, né? Da mãe, né? Eu saí correndo. E aí, quando as nossas

mães se encontraram, a minha mãe é bem brava. Então, ela já foi bem brava lá com a mulher, falando que não queria. E aí, a mulher foi e gritou com ela, falou que não queria a filha da minha mãe também, eu, no caso, né? Não me queria também lá na casa dela. E aí, elas decidiram que iam separar a gente. Olha só o poder de uma mãe! Estávamos no final do ano. E aí, essa minha namorada, ela veio ter comigo e falou assim: a tua mãe foi lá no trabalho da minha. E ela falou que não é para gente se falar mais. E sabe o que a minha mãe vai fazer? Minha mãe vai me transferir para Manaus por causa disso. Nossa, foi uma dor no coração. Falei "cara, nossa, não acredito". Eu sofri demais. Uma namorada muito legal que eu tinha na época. E um dia depois, ela comprou a passagem e ela simplesmente sumiu do mapa. Ela foi embora, essa namorada minha. Ela foi embora para Manaus. A mãe dela mandou ela ir no outro dia para Manaus. E aí, eu fui falar com a minha mãe, eu chorando muito. Falei para minha mãe e ela falou que "não, eu nunca fui, nunca fiz isso". A minha mãe se fez assim. "Juro até a morte que nunca fiz isso". E aí, eu falei para ela que ia sair de casa porque ela não me aceitava. E aí, quando eu falei isso que ela não me aceitava, ela falou "não, minha filha, não. Eu não fiz nada". E aí, eu falei "não, eu não vou mais morar aqui". E aí, conversei com uma tia minha. E essa tia era muito gente boa porque o filho dela é meu primo, mas é meu primo de consideração. Ele não é meu primo de sangue. Porque ele é filho do outro relacionamento que ela teve. Dessa minha tia, né? Mas depois que ela já veio casar com o irmão da minha mãe, ela já o tinha. Então, ele é meu primo de consideração. Então, ele é meio gay, sabe? Ele tinha esse jeitinho assim de gay. Hoje, ele é gay assumido e está tudo certo lá na família da minha tia. Tudo certo. A nossa família inteira agora também, tudo certo. Mas naquela época, em 2018, eu tinha 16 anos. E aí, foi que eu falei com a minha tia. Eu falei que eu não queria mais morar com a minha mãe porque ela não me aceitava. E aí, eu já estava crescendo, eu estava trabalhando, eu estava estudando. E eu queria sair, queria conhecer gente nova. E eu não tinha isso, era muito presa. Então, eu saí de casa. Aí, a minha mãe chorou muito. Foi uma época muito difícil, para mim e para ela. Porque a gente era única e só, né? Meu irmão já estava na faculdade, a minha irmã já tinha falecido. A minha outra irmã já era casada, já tinha uma vida, entendeu? Então, era só eu e a minha mãe. E aí, eu saí de casa, fui morar com a minha tia. E passei cinco meses na casa da minha tia. Cinco para seis meses na casa da minha tia. Eu só voltei para minha casa porque a minha mãe pediu para eles me mandarem de volta, porque ela estava sozinha. E ela já tinha entendido, né? Assim, a minha mãe passou sozinha esses cinco meses. Então, ela entendeu muita coisa, que não é dessa forma. Que ela tem que me amar do jeito que eu sou, né? Logo no começo, foi muito difícil, muito difícil. Porque ela falava "tua mãe morreu; tu não me chamas mais de mãe. Nunca mais entra na minha casa, nunca mais pisa na minha casa. Se você passar na rua por aí, você não é mais minha filha. Eu não sou mais a sua mãe, esquece meu nome". Tudo por conta de que eu gostava de mulher, entendeu? Tudo por conta disso. Então, foi muito difícil essa época. Eu tinha 16 anos, foi muito difícil. Eu saí de

casa e morei com a minha tia. A minha tia conheceu uma namoradinha minha, que eu namorei na época. Ela conheceu e nunca atrapalhou. Sempre falou só para me ter cuidado em relação a homens. Se eu quisesse namorar um homem, que era para ter cuidado, para usar camisinha. Conversou comigo sobre essas coisas. A minha mãe nunca conversou comigo sobre isso. A minha mãe era muito fechada. Ela tinha muito medo dessas coisas. Mas, eu entendo a minha mãe hoje. Porque a minha mãe perdeu uma filha, quando a minha irmã tinha 16 anos de idade. Ela era heterossexual. Namorava um homem e ela engravidou. Pegou pneumonia e morreu com um bebê na barriga, com 16 anos de idade. E eu estava com 16 anos de idade, era a caçula na época. Então, eu acho que nessa fase, que eu estava passando pela mesma coisa da minha irmã. Estava sendo muito difícil para minha mãe ter outra filha com 16 anos de idade. Que ela pensava que a filha ia morrer também. A mesma coisa, aquele trauma, sabe? Então, hoje eu entendo a minha mãe que ela me prendeu. Ela tentou me proteger de todas as formas, para que eu passasse dessa fase viva, entende? Então, hoje eu entendo esse lado da minha mãe. Mas na época, sim, foi muito difícil. Não era dessa forma. Não precisava ser dessa forma, sabe? Então, com esses 5 meses dela sozinha, parada, ela entendeu que não era dessa forma. E quando eu voltei para casa, já não mudou de uma forma que tipo, agora tu podes botar mulher dentro de casa e tal, não. Respeite meu espaço, tu; eu respeito o teu, entendeu? Nunca levei ninguém para dentro da minha casa. Eu já tenho 21 anos. Nunca levei ninguém pra dentro da minha casa. Nem mulher, nem homem. Ninguém para dentro da minha casa. Nunca cheguei "mãe, esta é a minha namorada e tal". Já cheguei a falar uma vez para ela. Acho que foi ano passado. Quando eu estava namorando uma menina, eu falei para ela "mãe, eu estou namorando uma mulher e tal". E aí ela mudou de assunto. Falou que não quer saber dessas coisas. Só quer saber se eu estou bem, se eu estou viva, se estou precisando de dinheiro, e só. Ela não quer saber de mulher nenhuma. Nem se eu quiser apresentar alguma mulher, levar alguma mulher lá para dentro de casa que ela não quer mulher nenhuma dentro da casa dela. Mas ela me respeita. Hoje ela me respeita, entendeu? Então tipo, se eu ligar para ela "mãe, estou com uma mulher aqui e tal". Aí ela "oi, tudo bem? Prazer, Marvel, tarará". E volta para situação de "oi minha filha, tudo bem? Você tá precisando de alguma coisa? Tá tudo certo"? E acabou o assunto. Então hoje é assim, dessa forma e eu me acostumei assim. Para mim, nunca chegou uma questão de alguém me desrespeitar, me chamar de alguma coisa. Nunca chegou nessa possibilidade porque, como eu te falei, eu sempre tratei todo mundo com respeito. Então as pessoas sempre me respeitaram. Mas eu não sei, se caso acontecesse algo, se ela me protegeria. Eu acredito que sim, por eu ser filha. Já aconteceram outras situações, outros tipos de briga, de estarem querendo falar de mim. E eu fui lá e ela sempre me defendeu. Apesar de eu estar errada ou certa, ela sempre me defendeu, sempre foi a mãe. Hoje a minha vida é assim. Eu já dei até um beijo nela. Na minha mãe, no meu aniversário, a gente tira uma foto se beijando, assim, um selinho. Então eu acho que, depois

dessa fase que eu a deixei sozinha, que a gente se separou, ela pensou nas circunstâncias e entendeu algumas coisas.

AJN: Você falou que estava morando aqui há mais ou menos três anos.
EG: Três anos. Está indo para quatro já em novembro.

AJN: Você acha que a sua relação de identidade foi observada, quando chegou aqui para a atribuição do quarto?
EG: Sim. Aqui na casa, eu já percebi que tem uma política assim. Você faz uma entrevista para você entrar nesta casa, certo? Quando você faz essa entrevista, eles te analisam de todas as formas. Primeiro, eles perguntam como é o teu dia a dia, como é a tua vida, a tua rotina. Eles não chegam a perguntar da tua sexualidade. Não chegaram a perguntar para mim da minha sexualidade. Mas perguntaram se eu estava namorando. "Você está namorando alguém"? Acho que essa questão de sexualidade, no sentido de chegar e perguntar qual é a tua sexualidade, ainda é algo muito atualizado. Mas eu acredito que com a conversa que a gente tem com as psicólogas, com a assistente social, com a galera da administração da universidade, eles te selecionam. Sim, eles te selecionam para um quarto que, você possivelmente, vá se dar bem com uma moradora lá. Então, eu percebi isso que aqui tem. Até porque eu já conheci pessoas aqui que são de um quarto, que são tipo um gay, um travesti e um outro gay. Eu já percebi isso. Que teve isso, entendeu? Que eles botaram, tipo, três gays num quarto. Que é para se darem bem, para se darem certo. Para não ter essa questão de preconceito, discriminação dentro do quarto, sabe? Então, eu percebi que nesta casa teve isso. Teve essa seleção para você ir para um quarto onde possivelmente você vá se dar bem com aquela pessoa, porque aquela pessoa é mais ou menos parecida com você ou não. Então, eu tive isso. Eu senti que eu tive isso.

AJN: Você tem contato com uma organização LGBT?
EG: Olhe, uma organização, não, mas existe uma organização LGBT mais de festa. Que é muito conhecida aqui em Manaus. É tipo, a central de Manaus, assim, de LGBT é ali. Que é a Banca da Tatá. Você já ouviu falar, mas se você for procurar, a Banca da Tatá, ela é assim, ela é tudo, tudo. Na Praça da Saudade, se você for lá, na esquina, tem todo tipo de LGBT, ali. Tem travesti, tem trans, tem bi, tem lésbica, tem gay. Tem hermafrodita, tem todo tipo de gente lá. E todo mundo respeitando todo mundo. Todo mundo ouvindo só as músicas. Lá eles botam todos os estilos de música: músicas eletrônicas, músicas pop, música de funk, música de brega funk. Vem uma música de rap, daqui a pouco vem um forró. Tudo eclético, super eclético. Então tem essa questão lá. Eu tenho grupo aqui da Banca da Tatá. Eles fazem paradas LGBT no centro. E lá está postando, está sendo postado. A prefeitura ajuda essa

festa aí, não da Banca da Tatá em si porque a Banca da Tatá hoje em dia é um bar independente. Que ela conseguiu, graças a gente né, cliente. Ela conseguiu desse espaço lá. Que antes era um bar de rock e era só uma pancadinha de rua. Hoje ela pegou a esquina todinha. E é uma área LGBT agora lá enorme assim. Sabe, é muita gente. Fecha a rua e tudo. Então eu vou só mais para isso mesmo assim. Não é organização, não é ONG, mas todo mundo conhece todo mundo, sabe. Todo mundo respeita todo mundo. Eu não sei o nome de ninguém. Se você vier perguntar o nome, eu não sei o nome de ninguém. Mas na hora que eu chegar lá, eu conheço cada pessoa. Eu falo com todo mundo. Vai meu parceiro, vai gatinha, vai amiga, vai amigo, irmão, brother. Todo mundo ali é amigo de todo mundo. Todo mundo é irmão de todo mundo. Todo mundo abraça todo mundo. Se alguém for assaltado, vai todo mundo lá em cima. Todo mundo vai ajudar.

AJN: Você poderia me indicar algumas pessoas lésbicas ou gays que possam querer conversar?

EG: Eu acho que é a Tatar, a dona da boate, a dona da banca da Tatar. Ela é muito boa. Ela faz entrevistas. Ela começou tudo, sabe. Tipo, lá na Praça da Saudade, eu lembro que em 2020, quando ela era apenas uma banca de rua, os policiais fechavam muito. Queriam muito dinheiro para fechar, porque era só veado, era só machuda. Tinha esse preconceito. Sabe o que os policiais iam fazer lá? Faziam batida, batiam nos veados, jogavam spray de pimenta na cara dos veados. Paravam as pessoas na praça "bota a mão todo mundo para o alto, quem está fumando, quem está bebendo". Se alguém falar alguma coisa, eles batiam nos veados, davam tapa nos veados, jogavam spray de pimenta na cara deles. Quantas vezes eu vi isso em 2020? Nossa, era muito horrível. Era muito desrespeitoso, sabe. Aquele preconceito dos policiais. E por ser uma banca de rua, não ter estrutura, essa situação, sabe. Então ele queria fechar de qualquer jeito. A polícia passava, queria levar a caixa de som, queria levar a bebida dela, queria levar carrinho, queria levar cadeiras. Quantas vezes, se você for conversar com ela, quantas vezes a polícia levou mesa, cadeira, caixa de som, mesa do DJ deles lá, por estar tocando, por estar trabalhando. E a polícia ia, intervia, tacava spray, batia, buzinava, atirava para o alto. Quantas vezes aquela, sabe, aquela questão de soberania, de você ser uma pessoa acima do que a outra, mais do que a outra, e você pegar a arma e atirar paro céu, para todo mundo ter medo de você? Aconteceu várias vezes isso lá. Eu vi isso várias vezes. E eu estava no começo do direito. Então a gente tinha aquele negócio "não, eu vou ser advogada, tu vais ver só", não sei o que, sabe. Então aconteceu isso comigo. Eles só não jogaram spray de pimenta na minha cara, porque Deus é muito poderoso comigo, que ele falou "menina, cala tua boca, que o policial vai te dar uma surra". Tipo isso, sabe, Jesus falando para mim. Então eu tive muita sorte em relação a isso. Mas eu já bati de frente já com o policial. Falei "gente, isso é trabalho de vocês? Esse é o plantão de

vocês? Está botando spray na cara de veado, spray na cara de machuda, de lésbica? Que isso, gente, que tipo de trabalho é esse"? E eles diziam "não, não, não quero saber não, não sei o que, aqui não é lugar de veadinho, não. Aqui não é lugar de machudinha, não". Sabe, esse preconceito, assim, tinha muito. Então eu acho que a Tatá, ela tem uma experiência muito foda, que ela foi muito guerreira. Ela alugava o Rio Negro ali, do centro da cidade, ali o Atlético Rio Negro. Ela alugava ali para fazer a festa em volta da piscina, no dia de domingo, o dia todo, começava nove da manhã e terminava sete horas da noite, porque a polícia ia lá e queria dinheiro para continuar a festa. E ela não podia dar o dinheiro porque ela precisava desse dinheiro; então ela fechava a festa e todo mundo ia para praça. E nesse momento que todo mundo ia para praça, então a polícia poderia intervir a qualquer momento, porque estava todo mundo numa praça pública, entendeu? Então a Tatá, ela foi muito guerreira nisso, que ela trabalhava muito, o dia inteiro, o domingo inteiro, para estar fazendo a festa. E foi aí que ela conseguiu alugar o Bar do Rock. O Bar do Rock pegou fogo, aconteceu algo com a fiação que fez o Bar do Rock inteirinho pegar fogo. E nisso que pegou fogo, eles faliram, não sei, acho que não quiseram mais, e aí ela meteu a cara. Ela meteu a cara, ela alugou, ela ajeitou, aquilo lá era tudo preto, preto e branco, negócio de rock, fechado, mofado. Hoje é tudo colorido, tudo unicórnio, tem uma piroca de LED lá dentro, um pênis lá dentro de pisca-pisca, negócio brilhoso, tudo virou um negócio LGBT surreal, que é muito legal. E ela é muito guerreira por isso, ela passou por muito isso. Para hoje a polícia não pode intervir, porque ela é um bar agora. Ela é um bar e a polícia não pode intervir, entendeu? Então teve muita gente que passou por essas situações. Na época, eu não gostava mais de ir para lá, porque era nove horas da noite. A polícia passava, tu tinhas que abaixar o som, tu tinhas que te esconderes, tu tinhas que ficar longe, sabes? Poxa, por que isso? Um forró, tu podes estar lá no forró, traficante vai para o forró, viado vai para o forró, e no forró não acontece nada, não tem nada. Vai ver o forró, se a polícia pára lá, o forró não pára, entendeu? Agora, viado, gay, LGBT, tudo, a polícia vai, interfere, pára, prende, sabe? Era horrível, naquela época. A Tatá, eu passo o contato dela para ti, eu falo com ela, tu podes conversar com ela, eu acho que ela é uma pessoa ideal para te estar falando isso, ideal mesmo.

AJN: E o fim da nossa conversa. Tens mais alguma coisa a dizer sobre a nossa conversa ou algo relacionado?

EG: Eu acredito que com esse trabalho que tu estás fazendo, essa entrevista assim, da forma que tu for transcrever, vai abrir a mente de muitas pessoas. Eu espero que abra a mente de muitas pessoas pra isso, porque, hoje em dia, a sociedade tem que ser respeitada por todo mundo, não só LGBT, mas outros jeitos, outros gêneros, profissões. Eu acredito muito na força policial para parar isso, mas tem muita gente que é policial, que é preconceituosa dentro da polícia. Então, eu acho que tinha que ter essa aula de conhecimento, não só para

gente que estuda, mas para as pessoas que já são profissionais. Não é porque tu ganhas dinheiro, que tu trabalhas da forma que tu queres, que tu vais bater alguém na rua.

2.2 ENTREVISTA COM UNI

AJN: Qual é a sua trajetória da vida, a partir da infância até aos momentos atuais.

UNI: Nascida em Manaus, 1997, na casa dos avós, no bairro Coroado, sou de família periférica, tive toda infância cuidada pelos avós que vieram do interior do Amazonas em busca de melhorias no emprego, estudo e segurança de vida. Ambos são povos originários que contribuíram para os conhecimentos que tenho hoje com relação aos costumes tradicionais. Na rua em que cresci tive a oportunidade de conviver em coletivo, todos se conheciam e conviviam de forma mais familiar. Os vizinhos costumavam frequentar a casa uns dos outros, andavam juntos, faziam muitas festas na rua e no "quintal" de casa, na época (década de 70,80 e 90) as casas eram de madeira e não tinham muros de concreto. Haviam terras, árvores e chão batido, os vizinhos promoviam uma boa convivência enquanto moradores daquele território. Aprendi a arrumar a casa e a servir os mais velhos desde muito criança, da mesma forma como a minha avó aprendeu com suas ancestrais, todos os dias se repetiam o mesmos rituais, assim pude também ajudar meus avós no trabalho em casa, como por exemplo na cozinha fazendo milhos cozidos, canica, pupunhas, descascar castanhas, ensacar frutas, nas vendas de açaí, buriti, bacaba, cará-roxo, mandioca, pão caseiro, din-din, etc., todo dia meu avô arrumava uma forma de nos sustentar, visto que foram expulsos de suas terras e tiveram suas roças atacadas por garimpeiros, fazendo com que abandonassem a vida originária e sua forma de sustento e fartura. Depois do "trabalho" eu tinha o momento de criança, onde eu podia ir para a rua brincar com os colegas, era época de manja-pega, gemerson, manja-se-esconde, casinha, futebol, vôlei, basquete, 7 pecados, cola-e-descola, garrafão, corrida, barra-bandeira, abecedário e outras brincadeiras que hoje em dia é muito difícil de se ver na cidade. Naquele tempo, as pessoas tinham o costume de ir para as frentes de suas casas e ficarem conversando, apreciando o fim de tarde e a natureza, merendar juntos, e verem as crianças brincando, voltando da escola, outros do trabalho, enfim momentos que hoje não se tem mais na mesma intensidade. Sempre fui muito sagaz em aprender movimentos com o corpo, então aos três anos aprendi a andar de bicicleta e patinete; aos seis/sete comecei a praticar os patins, passei um bom tempo andando pelo bairro do Coroado fazendo esses esportes, onde me sentia totalmente livre para experimentar outros possíveis movimentos e sugerir brincadeiras para com os colegas. Era a mais nova da turma e, sempre, considerada a "café com leite". Passei a procurar lugares onde pudesse me informar mais sobre coreografias e dança de modo geral, pois sempre fui muito dançante. Quase todos os dias fazia uma apresentação de dança para a minha mãe após ela chegar do trabalho, gostava de inventar passos e imitava as bailarinas

dos programas de televisão e festivais folclóricos. Entrei em grupos de dança, e me apresentei diversas vezes em arraiais na cidade e em alguns municípios, com as linguagens do boi-bumbá, swingueira, dança indiana, dança cigana, carimbó e processos criativos. Na escola também participava de grupos onde se apresentavam nos momentos importantes. Entrei para um programa financiado pelo governo (Projeto Jovem Cidadão) que me fez aprender um pouco de artes plásticas e dança. Em seguida, comecei a frequentar mais as igrejas para ter acesso aos movimentos que envolviam artes, como o canto, a dança, o teatro, leituras, e, em uma dessas épocas, acabei entrando para o coral duas vezes, quando criança e adolescente. Eu sentia que eu tinha fome de tudo, e queria abraçar muitas coisas que envolvessem a arte e todas as formas e linguagens de expressão, mas com relação aos estudos, eu deixava a desejar, até que desisti por 4 anos, abandonando o ensino médio. Nessa época, aos 13 anos morei sozinha e fui me descobrindo LGBTQIAPN+. Passei a trabalhar em lojas de roupas, com panfletagem no sinal e na rua, como recepcionista, vendedora ambulante e no setor de laudos médicos de imagem. Aos 18 anos, o que havia desejado a vida inteira aconteceu: fiz minha primeira inscrição no curso de dança, no Liceu de artes e ofícios Cláudio Santoro, na modalidade de Jazz Dance. No mesmo ano voltei para a igreja para cantar no coral e me envolver mais com os jovens e adultos. Nesse tempo, conheci uma professora de artes que me fez terminar os estudos aos 18 anos pelo processo de supletivo, me incentivando a prestar o vestibular para o curso de Dança. Sendo assim, me preparei para o vestibular e busquei aprender outras linguagens de dança como o balé clássico, dança moderna e dança contemporânea. Após passar no vestibular, aprendi algumas técnicas que me fizeram caminhar mais visceralmente pela performance e processos criativos, que dialogam com a identidade, política e micro ativismo. Perto de me formar, me aproximei também do balé aéreo, que me proporcionou a realização de estar no Festival de Parintins 2023, em uma estrutura no guindaste com mais de 50 metros de altura, dançando/performando (Experiência única!), bem como estar numa companhia que existe há mais de 40 anos fazendo teatro. Ambos trabalham com o contexto amazônico, sobretudo o teatro, e seus questionamentos me fazem refletir sobre o que é a arte e como ela me trouxe até aqui. Atualmente me considero artista independente e performer. Integrante da Uiara.com companhia de balé aéreo, sou atriz na Cia de Teatro Vitória Régia. Pela primeira vez fiz parte e aprendi bastante em parceria no Instituto de Pesquisa Tabihuni, promovendo políticas públicas; trabalho com os projetos de pesquisa na área de processos criativos em dança como acionador de micro acontecimentos descolonizadores e, a performatividade e a ancestralidade Kokama. Através das experiências, atuo também nas áreas de fotografias e vídeos.

AJN: Como você se identifica em relação ao gênero e sexualidade?

UNI: Me identifico com o conceito não-binário e sou lésbica, porém, repensando bastante após cada dia estudar mais sobre esse assunto e me levar para lugares muito sensíveis.

AJN: Como foi a sua auto descoberta em relação ao gênero e sexualidade?

UNI: Desde criança observei muito meu corpo e sempre fui a favor do auto toque; senti, desde sempre, a curiosidade por corpos femininos e a maneira como eles se relacionavam. Minha mãe sempre teve muitas amigas e eu achava curioso tamanha intimidade. Uma delas tinha filhas quase da mesma idade que eu e minha irmã, ficamos muito amigas. Passamos por muitos anos frequentando a casa uma da outra, dormíamos e brincávamos sempre juntas. Um dos episódios de brincadeiras, se estabeleceu um cenário onde eu sempre costumava fazer o papel do "homem", e assim performava a masculinidade. Em uma das situações me vi reproduzindo ou imaginando como seria se realmente fosse assim, e passei a me sentir mais "em casa". Sempre nas primeiras oportunidades me colocava nessa situação de reproduzir comportamentos e trejeitos de uma figura masculina, e passei a observar mais os homens ao meu redor. Assim comecei a praticar mais esportes e comecei a gostar muito de futebol e pipas porque eram brincadeiras de "menino". Mas, como eu tinha que ser aceita na sociedade e ninguém podia desconfiar das minhas peripécias, comecei a performar também a feminilidade, onde eu brincava de moda, e adorava montar looks e fazer desfiles de salto alto como as travestis que via por aí nas ruas e carnavais da cidade, do bairro. Entendi hoje que me identifico e me sinto muito melhor com o gênero não-binário. A sexualidade sempre esteve muito clara. Quando diz respeito ao querer me relacionar com mulheres, sempre me atraí, sempre tive curiosidades e sempre brinquei disso na infância. Muito precocemente eu passei a me relacionar. Nas brincadeiras sempre rolava umas trocas entre mim e minhas amigas, mas teve uma época em que ninguém podia imaginar os meus desejos sórdidos. Sendo assim, me relacionei com os meninos do meu ciclo de amizade, na pré-adolescência, onde eu via todas as meninas mais velhas também se relacionando, eu passei a sentir curiosidade em como era se relacionar com homens, mas sempre tive muito receio. Dos 10 aos 15 anos alimentei uma "relação" com um primo abusador (muitas histórias). No meio disso me relacionei 5 meses com um homem que me traía com o melhor amigo dele. Nos separamos e eu enlouqueci, pois na época morava praticamente sozinha e passei a frequentar muitas festas, entrava em todas elas às escondidas. Minha aparência era de uns 20 anos, até que numa dessas festas fui abusada por um homem de 30+, e foi o pior de todos, trauma terrível. Depois disso, me aproximei de um primo gay que me acolheu juntamente com as minhas curiosidades pela vida e me apresentou os amigos gays e lésbicas, e desde então passei a me sentir confortável no movimento LGBT+ e cada vez mais me identificar como uma pessoa lésbica. Então as minhas experiencias com homens baixaram consideravelmente passando a me relacionar somente com mulheres. Hoje, tenho 25 anos, já fui casada com duas mulheres e, nesse

período solteira, tenho repensado sobre minha sexualidade, visto que tenho me atraído bastante por mulheres e homens transsexuais.

AJN: Você disse que era lésbica, entretanto, repensando bastante após cada dia estudar mais sobre esse assunto e chegar a lugares muito sensíveis. Nessa concepção, você estará admitindo a possibilidade de transição, ou seja, de mudança de identidade lésbica? Em caso positive, que identidade assumiria?
UNI: Sim, andei pesquisando e pensando bastante sobre a pansexualidade.

AJN: Como foi a reação da sua família, sociedade, escola, ao tomar conhecimento do seu gênero e sexualidade?
UNI: Minha família se sentiu assustada, achou que fosse algo muito passageiro e a Era das descobertas. Colocaram a culpa nos amigos e disseram que era influência de más companhias. Meus pais ficaram revoltados e se questionando onde haviam errado. Porém, na época, eu havia sido abandonada pela família e usava isso para me defender e dizer que somente eu saberia da minha vida dali em diante. Quiseram proibir minhas saídas, mas descobriram que estava tendo um caso com uma mulher mesmo eles me proibindo. "Bati o pé" e me assumi desde os 16 anos, tive coragem de enfrentar tudo "sozinha", busquei meus direitos. A igreja e os amigos onde eu frequentava, passaram a me olhar com desprezo, faziam fofocas da minha vida íntima e ficavam curiosos com a minha postura, até que me afastei de ambientes em que se resumiam em preconceitos e pessoas com as suas sexualidades claramente reprimidas. Todos começavam a me questionar, fazer piadas e diziam ser algo repentino. Mas profundamente eu sabia que nada disso iria me abalar ao ponto de me reprimir e regredir àquela realidade. Fui me colocando à disposição de outras experiências, me abri ao mundo LGBT+ e eu só conseguia me sentir confortável nesse lugar. Perdi muitos amigos e principalmente amigas cis hétero, pois elas achavam que eu não ia respeitá-las e que em algum momento iria partir pra cima como urubus devoram uma carniça. Muitos amigos me diziam coisas absurdas, e relacionavam isso às péssimas experiencias que passei com homens, diziam que mulher sapatão só existia porque ainda não tinham tido uma boa experiencia com homens (se é que você me entende! risos). Ouvi dizer que muitos "irmãos" da igreja estavam orando por mim, pedindo para que eu fosse curada e saísse dessa vida "depravada". Muitos parentes não tinham certeza e comentavam pelas costas como se qualquer amiga minha fosse alguém com quem estava tendo algo. Minha mãe passou a desconfiar de todas as minhas amigas, assim como o meu pai, e era constrangedor ter amigas e principalmente levá-las em casa. Como se eu fosse um homem hetero cis abusador de mulheres. Minha irmã me expulsou de casa e fui morar com o meu pai. Era proibido qualquer amiga dormir comigo na casa dele. Depois que fiz 18 anos, fui

morar com uma professora de artes que me incentivava nos estudos e me fez ter coragem para enfrentar a vida. Participamos de alguns movimentos artísticos, debates políticos, manifestações e nos aproximamos mais desse corpo político. Assim me encorajei mais ainda em me assumir lésbica. Aprendi a ignorar pessoas que me tratam com preconceito e desprezo desde então.

AJN: Você tem ligação com algumas organizações LGBT ou ativistas particulares?
UNI: Já participei de algumas manifestações públicas, debates e movimentos. Apresentei performances para o movimento MigaSuaLoca, curso de escritas de projeto, sempre voltada para essa temática do Orgulho LGBT+. Recentemente busquei ir mais além, e falar um pouco sobre isso nos projetos de pesquisa, me envolvi numa exposição que abordou as questões indígenas LGBT+ na cidade de Manaus. Assim, dentro do campo de pesquisa do povo kokama, vimos a necessidade de abordar isso dentro da aldeia no ramal do Brasileirinho. As lideranças resolveram fazer pelo menos dois projetos que trazem esse assunto para a comunidade. Assim entrei para acompanhar os primeiros movimentos e fui convidada a fazer palestras sobre o tema e os seus desafios. Atualmente entrei para o primeiro coletivo a nível Estadual que abraça a causa LGBTQIAPN+ dos povos indígenas.

AJN: UNI, você contou que sua experiência em prática heterossexual foi involuntária, por meio de abuso. Tem ponderado, de livre vontade, construir algum relacionamento hétero, no sentido de "mulher – feminina vs homem-masculino"?
UNI: Isso é um pouco complicado de afirmar. Nunca pensei em ter algum tipo de relacionamento com homens heterossexuais, depois que me entendi lésbica, mas já me relacionei com pessoas transgêneros do sexo masculino.

AJN: Tive entrevista com uma mulher bissexual e afirmou que, quando se relacionou com uma lésbica, basicamente, lhe ofendia porque tinha medo que ela (a entrevistada) ficasse com homens. Você pode comentar, tendo em vista que se identifica (ainda) como lésbica?
UNI: A maioria das mulheres lésbica têm muito receio com homens...as vezes os traumas ocasionam isso, mesmo, geram alguns gatilhos...acredito que por isso o medo seja maior, principalmente se a relação for aberta, visto o índice de doenças sexualmente transmissíveis, em sua maioria, vem dos homens. Homens são considerados mais "safados e abusadores "tentando entender também...Mas, hoje em dia vamos como preconceito. Soa algo tóxico pois ninguém pode dizer para o outro com quem deve ou não se relacionar...existem muitos preconceitos dentro do movimento LGBTQIAPN+ e um deles é com pessoas bissexuais. Não sei o que essa pessoa estava pensando e sentindo para ter tanto medo e chegar nesse nível de ofensa... Mas os sentimentos são muito particulares e,

entender que não existe um “gosta mais de homem ou gosta mais de mulher?” É biofobia chegar e perguntar isso para quem se identifica dessa forma. Pessoas se relacionam com pessoas. E as relações não se limitam aos atos sexuais. Existem milhares de formas de gozar... Mas isso é num lugar muito particular mesmo. Teria que ser um debate diretamente com essa pessoa para entender seus motivos de limitar a outra.

AJN: Que desafios enfrenta relacionados com a sua identidade de gênero e sexualidade?
UNI: Atualmente sigo bem resolvida sobre isso na minha vida. Construí um espaço onde todes pudessem respeitar as minhas decisões, filosofias, desejos e sobretudo a minha vida particular. Antes enfrentava muito mais desafios do que hoje, todo tipo de violência, sofri muitas ameaças. Mas hoje falo abertamente sobre isso, ajudo os jovens que estão nessa fase de descobertas, converso, incentivo, procuro entender, compreender... Evito o máximo pessoas homofóbicas e questiono qualquer ato que seja preconceituoso e ou intolerante com a gente, LGBT’s+.

AJN: Chegamos no final da nossa conversa. Pode tecer considerações finais.
UNI: Agradeço por essa entrevista que me fez olhar mais uma vez com muito cuidado em cada detalhe que passei na minha vida, hoje me sinto uma pessoa ainda que com muito medo, corajosa. Dona de memórias que somente eu posso acessar, de dores que se foram, de aprendizados que ficaram e de alegrias que ainda estão por vir. Espero continuar de alguma forma colaborando para que esse movimento continue firme, pelos nossos direitos, pela nossa gente, pelo direito de existir, pela transgressão de corpos e corpas. Sempre atuando com a finalidade de diminuir o índice de violências contra nossos corpos LGBTQIAPN+ indígena que dominam as estatísticas atualmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUERRA I. C. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. Cascais: Princípia, 2006.

Recebido em: 13/11/2023
Aceito em: 14/01/2024